



## **A Televisão Piauiense: um modelo dialógico<sup>1</sup>**

LEAL, Maria de Jesus Daiane Rufino<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho de pesquisa analisa o formato dos programas televisivos feitos nas emissoras do Piauí e busca entender quais são as formas de diálogo mais frequentes na televisão piauiense. O tipo de pesquisa desenvolvido foi a qualitativa exploratória, envolvendo, entre outros recursos, o levantamento bibliográfico. Pode-se concluir que as entrevistas são os mais frequentes formatos baseadas no diálogo usadas na televisão piauiense e que os apresentadores e âncoras têm papel fundamental na condução dos discursos e enunciados dentro dos programas televisivos do Estado e que a política é o principal assunto retratado pelo telejornalismo local. A aparição de novas formas de diálogo na televisão piauiense é um processo histórico e encontra-se em expansão.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; gêneros; telejornalismo; representação; diálogo.

### **1 Introdução**

O mais influente meio de comunicação do Brasil, a televisão, não recebe dos brasileiros a merecida reflexão. De um lado um grande contingente populacional que se detêm a falar “do que passou na televisão” sem se questionar o porquê, de outro lado um contingente menor, mais ainda numeroso de intelectuais ou aqueles que tiveram acesso a uma educação crítica, mas que renegam discutir televisão, a ignoram ou quando discutem, retomam temas defasados e pensamentos preconceituosos, sem pensar novas possibilidades de atuação deste meio de comunicação no país.

A forte presença da televisão no Brasil pode ser vista sob uma ótica singular por suas peculiaridades, que não são exclusivas do país, mas que transmite a este meio de comunicação de massa uma participação ampla na vida política do Brasil e similarmente no Estado do Piauí.

Diante deste cenário o presente trabalho se propõe a fazer uma breve análise, pouco aprofundada, da produção na televisão piauiense, considerando as recomendações de Machado (2003) para que a discussão sobre o tema não transfira aos problemas políticos do país todas as deficiências da televisão brasileira, constituindo uma discussão meramente política, mas considerando-se a linguagem e o formato dos programas produzidos no Estado.

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



Uma das mais significativas contribuições desta pesquisa é amenizar a carência de material bibliográfico sobre a produção televisiva no Piauí, apesar de não esgotar a necessidade de novas pesquisas e mesmo o aprofundamento desta. Esta monografia será, portanto, uma fonte de informações sobre a televisão local.

O objeto da pesquisa são os programas das emissoras de televisão locais: *Ronda*, *Revista Meio Norte*, *Jornal da Tarde* (TV Meio Norte), *Notícias da Manhã*, *Jornal do Piauí* (TV Cidade Verde), *Bom Demais*, *Comando 10*, *Comando Show*, (Antena 10) e *Bom Dia Piauí*, *Piauí TV 1ª Edição* e *Piauí TV 2ª Edição* (TV Clube).

O objetivo geral do trabalho é analisar o formato dos programas televisivos feitos nas emissoras do Piauí, assim como entender quais são as formas de diálogo são mais frequentes na televisão piauiense; como se dá a atuação dos apresentadores dos programas televisivos do Piauí e a relação demanda x cobertura de acontecimentos pela televisão do Estado.

O desenvolvimento desta pesquisa baseia-se nas hipóteses de que as formas de diálogo mais frequentes na televisão piauiense são as entrevistas, que os formatos dos programas centram no apresentador o domínio do diálogo e que a política é o principal assunto retratado pelo telejornalismo local.

O tipo de pesquisa desenvolvido foi a qualitativa que envolve a obtenção de dados descritivos sobre situações ou pessoas por meio do contato do pesquisador com o objeto estudado. Neste trabalho optou-se pelo tipo exploratória, que tem como objetivo proporcionar uma visão geral acerca de um determinado fato, envolvendo, entre outros recursos, o levantamento bibliográfico. Segundo Gil (1987, p.44), a “pesquisa exploratória tem como principal finalidade esclarecer e modificar conceitos e idéias”. O trabalho buscou, através da pesquisa exploratória, entender a produção televisiva no Estado do Piauí.

Para o desenvolvimento do trabalho foram observados através do vídeo os programas das emissoras locais de televisão. Vale ressaltar que essa observação não foi precedida de rigores técnicos científicos quanto ao tempo e quantidade. Além da observação do objeto, a pesquisa bibliográfica foi fundamental para realização da análise.

Elabora-se uma classificação para os programas locais, baseado na classificação de gênero de Machado (2003). Usam-se três gêneros citados pelo autor: formas fundadas no diálogo, telejornal e transmissões ao vivo.

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



As formas fundadas no diálogo são subdivididas em quatro tipos: debates, entrevistas, mesas redondas e o monólogo. Através desta abordagem dialógica traça-se um perfil dos programas da televisão no Piauí.

## **2 O Pensamento de Bourdieu, Bucci e Machado sobre Televisão**

A televisão é o meio de comunicação que faz parte da complexa conjuntura em que se encontram as sociedades contemporâneas. Esse veículo que ainda não está definido, no referente ao seu papel ou função, preliminarmente integra o grupo dos espaços sociais, econômicos, culturais e políticos dos dias atuais.

Machado (2003) e Bucci (1997) alertam para a necessidade de se discutir televisão no Brasil. Para Machado deve-se discutir televisão para construção de um novo projeto, uma nova proposta e os discursos não devem apenas justificar os problemas da televisão na política e na economia do país. O autor afirma que atualmente se discute sobre a qualidade da televisão, mas não se leva em conta as inúmeras possibilidades que a própria palavra “qualidade” pode significar e que a sociedade brasileira não tem um consenso sobre o papel da televisão no país.

Numa sociedade heterogênea e complexa, em que não existe – felizmente – nenhum consenso sobre a natureza do meio, sobre seu papel na sociedade e sobre o modo como devem interagir produtores e receptores, uma televisão de qualidade deve ser capaz de equacionar uma variedade muito grande de valores e oferecer propostas que sintetizem o maior número possível de ‘qualidades’. De qualquer forma, sejam quais forem nossas concepções com relação à televisão, a discussão sobre qualidade é sempre imprescindível. (p. 25).

Bucci (1997) leva à discussão sobre televisão questões, que segundo Machado (2003), empobrece o debate e o transformam em um círculo vicioso, que nunca evolui. O primeiro aponta em seus textos que a abrangência e influencia que a televisão brasileira chegou “[...] são na verdade um produto do atraso [...]” (p.23) e que “[...] a importância da televisão numa sociedade, atualmente, é diretamente proporcional às taxas de analfabetismo e de subdesenvolvimento [...]” (p.15). O segundo autor alerta para não se justificar os problemas da televisão apenas nas questões socioeconômicas do país, e que esse meio não pode ser visto “[...] como estrutura abstrata, modelo genérico de produção e recepção [...]” (p.19).

Apesar dos enfoques diferentes no tratamento da temática em questão, os dois autores defendem a importância da discussão sobre televisão em todo o país, não

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



somente nas academias, mas em escolas, com as crianças, além de defenderem a análise de casos específicos de programas de televisão nos estudos na área. “Penso que a análise, ainda que breve, de casos específicos tanto nos protege da tentação de a tudo generalizar como nos fornece elementos para outro nível de apreensão do todo”. (BUCCI, 1997, p. 29).

O Brasil um país democrático tenha talvez nos meios de comunicação, em especial na televisão, o seu principal espaço público de discussão, a influencia deste meio na agenda de discussões da população é inegável. Bucci (1997) é categórico ao afirmar que “O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão.” (p.11). O autor cita Maria Rita Kehl ao explicar sobre o papel integrador que teve a televisão brasileira durante a história do Brasil:

Essas imagens únicas que percorrem simultaneamente um país tão dividido como o Brasil, contribuem para transformá-lo em um arremedo de nação, cuja população, unificada não enquanto povo, mas enquanto público, articula uma mesma linguagem segundo uma mesma sintaxe. O conteúdo dessa linguagem importa menos que seu papel unificador, uniformizador: a integração se dá ao nível do imaginário. (KEHL *apud* BUCCI, 1997, p.16).

Assim, na construção do país-nação a televisão, segundo Bucci (1997), organizou o Brasil conforme parâmetros internacionais: estabeleceu a ditadura da informação visual, difundiu a dinâmica pragmática e publicitária da popularidade, converteu o discurso político em vídeo-clipe e construiu uma “sociedade do espetáculo”, acrescentando elementos próprios da história política do país, como o “prolongamento do Estado autoritário” para a televisão. Para o autor mesmo após o período da Ditadura Militar brasileira, a televisão que antes se beneficiava do poder político agora “[...] converteu-se na fonte do poder [...]” (p.20).

Para Bucci (1997) o funcionamento da televisão brasileira organiza-se segundo algumas constantes que orientam os veículos na sua produção e assim enumerando cinco características principais da televisão brasileira. A primeira delas é sobre o telejornalismo, afirmando que este se apresenta como melodrama; o segundo o de que as telenovelas precisam propor um resumo do Brasil; afirma na terceira constante que a televisão brasileira reproduz a exclusão social e o preconceito de classe, falsificando o verdadeiro Brasil; como quarta característica, diz que a TV brasileira depende da ocorrência de eventos que tenham a pátria como objeto e por último a necessidade de

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



transgredir os próprios limites, na exploração de temas polêmicos e na quebra de tabus sociais.

Neste presente trabalho usa-se a primeira das características apontadas por Bucci para análise do telejornalismo piauiense que se encontra inserido no jornalismo nacional e que dele busca referências de produção.

Na complexidade em que se apresenta a produção e a função da televisão no Brasil, a discussão sobre esse meio se faz cada vez mais necessário. Quando este veículo se apresenta como o mais importante espaço público do país, esta sociedade deve repensar os conceitos que são discutidos dentro desse espaço e inserir essa discussão na própria formação educacional da população como defende Machado (2003).

## **2.1 O confronto de Bourdieu e Machado no olhar sobre a televisão**

Muitos dos intelectuais que se dedicam a estudar sobre televisão ou apenas comentar sobre o meio, se colocam na berlinda do “a favor” ou “contra” a televisão, assim por muitos círculos de pessoas que dedicam algum tempo de suas vidas a discutir televisão as propostas em torno do tema são as de colocar-se contra o veículo e de encontro a ele apontar todos os erros e críticas pessimistas e alguns extremistas o colocam como responsável pelas mazelas e alienação de um grande contingente de pessoas, mas como aponta Machado (2003) criticam-se muito o modelo de televisão feito no Brasil, mas ninguém se presta a propor um novo modelo.

Bourdieu (1997) pensa a comunicação com base na afirmação de que toda relação é uma relação desigual de poder, não somente no campo econômico, mas principalmente nos campos cultural e social. O autor retrata a televisão na perspectiva de sua influência na área do conhecimento e afirma que este meio coloca em risco a vida política e a própria democracia ao construir uma realidade diferente do real.

O autor em questão apresenta a televisão com um olhar crítico, tanto em relação ao veículo em si quanto aos jornalistas. Para Bourdieu (1997) a televisão “[...] expõe a um grande perigo as grandes esferas da produção cultural, arte, literatura, ciência, filosofia, direito [...]” (p.9). Em contraponto a esta visão, Machado (2005) apresenta a inserção da mídia e dos recursos tecnológicos como novas possibilidades de arte, afirma que cada “cada civilização se exprime com os instrumentos que tem [...]”. Assim a sociedade atual dispõe de novos instrumentos de artes que são os meios áudios-

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



visuais, o autor projeta que no futuro próximo esse meio será predominante e o material artístico produzido será denso e de boa qualidade, porque as pessoas aprenderão a pensar para os instrumentos áudios-visuais.

A reflexão sobre as novas formas poéticas que estão nascendo nos ambientes midiáticos tem se intensificado bastante entre nós nos últimos anos, como decorrência talvez do próprio incremento da produção. O grande desafio agora é forjar conceitos capazes de dar conta da mutação mais importante que está acontecendo neste momento e que corresponde à migração do texto do papel para a tela. (p.209).

O tempo, característica da produção em televisão, é abordado tanto por Bourdieu (1997), quanto por Machado (2003). O primeiro o apresenta como um dos pontos negativos do veículo, segundo Bourdieu a questão da urgência em que é produzido o material a ser transmitido ao telespectador não favorece o pensamento.

Eu dizia ao começar que a televisão não é muito propícia à expressão do pensamento. Estabelecia um elo negativo, entre a urgência e o pensamento. É um velho tópico do discurso filosófico: a oposição feita por Platão entre o filósofo que dispõe de tempo e as pessoas que estão na agora, a praça pública, e que são tomadas pela urgência. Ele dia, mais ou menos, que, na urgência, não se pode pensar. (p. 39).

Machado (2003) faz rigorosa crítica a Bourdieu sobre a temática do tempo e dispõe no seu livro *A televisão levada a sério* um capítulo onde discorre sobre os benefícios e peculiaridades do tempo na televisão. Neste capítulo o autor retrata as transmissões ao vivo como um gênero televisual e afirma que este tipo de transmissão causa comoção nas pessoas, mas causa também ação, indignação e resultou muitas vezes em ações populares gigantescas. Além disso, a transmissão ao vivo de um acontecimento mundial exemplifica o conceito de aldeia global de McLurem no instante em que coloca todo o mundo frente a um mesmo fato, seja qual for sua natureza.

[...] pode-se dizer que a transmissão ao vivo é antagônica *não* ao pensamento propriamente dito, mas à digressão intelectual, ao “espírito absoluto” de que fala Marx e cujo modelo maior é dado pelo pensamento platônico das essências, instalado no mundo das idéias. A transmissão direta requer um pensamento vivo e *em ação* – aliás, o único pensamento possível, pois o contrário é mera *erudição*, enclausurada em bibliotecas ou academias e voltada apenas para sua própria preservação. (p. 129 – 130).

Não somente a televisão é objeto de discussão e fortes críticas por Bourdieu (1997), os jornalistas que atuam em televisão também recebem “conceitos” e “pré-conceitos” por parte do autor. Em um dos momentos de seu livro *Sobre televisão*, que é resultado de uma participação do autor na televisão, ele afirma que a importância social

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



dos jornalistas no mundo atual não corresponde, muitas vezes, a sua capacidade intelectual, por serem os jornalistas os que têm nas mãos os instrumentos de produção e difusão da informação.

Reconhece-se o mal uso por parte de alguns jornalistas da televisão para promoção pessoal em detrimento do seu papel de comunicador social compromissado com os interesses públicos e que muitas vezes a sua atuação no vídeo perante milhares de pessoas diariamente o colocam numa posição em que interesses políticos se aproximem e até usam desses jornalistas para abrir brechas para outros atores da sociedade se infiltrarem na mídia e conseguirem dela também a promoção social. Dessa forma os jornalistas de televisão, em especial, se encontram num campo de perigo, dentro da maior vitrine do mundo moderno, estes profissionais estão expostos e inseridos em um complexo econômico e social delicado. Constantemente seus valores profissionais e éticos são colocados à prova perante a sociedade e em especial aos estudiosos dos meios de comunicação de massa.

Acredita-se que a formação dos jornalistas deve estar em constante debate dentro das representações de classe e no contexto acadêmico e que este profissional, deve ser visto e entendido como parte essencial da constante construção política por que passam todas as nações e o mundo, não apenas como um ator ruim representando uma farsa social, mas um agente dessa construção que se insere e se submete às forças maiores do sistema estrutural do jornalismo. Esse sistema é reconhecido por Bourdieu (1997) como dominador da produção de trabalho dos jornalistas, mas segundo o autor não justifica o uso que estes profissionais fazem do espaço televisivo.

Ainda na perspectiva da atuação dos jornalistas dentro da televisão, Machado (2005) aponta a precariedade dessa atuação com relação ao conteúdo considerado por estes profissionais como adequados ao público e o próprio pensamento que os jornalistas têm, sobre esse público. Com relação ao conteúdo, o autor explica que “a televisão não é inteiramente popular [...] se fosse realmente popular, os temas de interesse popular estariam sendo discutidos dentro dela”.

Machado (2003) alerta que a televisão não deve ser vista como responsável por todas as mazelas sociais e que a banalização não é exclusividade do veículo. “O fenômeno da banalização é resultado de uma apropriação industrial da cultura e pode ser hoje estendido a qualquer forma de produção intelectual do homem” (p.9). O autor lembra que o olhar sobre a televisão pode ser diferente, quando se muda o foco, pois

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



existem no meio produções boas e de grande contribuição social, o que deve ser feito é “[...] expandir as possibilidades expressivas desse meio[...]” (p.10).

### **3 Televisão Piauiense – Gêneros Televisuais**

Faz se neste trabalho uma breve análise da produção de televisão no Piauí, considerando-se o conceito de gênero de Mikhail Bakhtin defendido por Machado (2003) como o mais adequado aos tempos atuais.

[...] gênero é uma forma aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras [...]. (p.68).

Essa análise compreende não apenas a avaliação de conteúdo, mas também a utilização de recursos expressivos da televisão, como a linguagem, elementos figurativos, narrativos e temáticos dos programas de televisão produzidos e veiculados no Estado do Piauí.

Machado (2003) lembra que não é possível tratar de todos os gêneros televisuais, assim neste trabalho foram escolhidos três tipos entre os apontados pelo autor por serem reconhecidos nesta pesquisa na produção televisiva local. São eles: as formas fundadas no diálogo, o telejornal e a transmissão ao vivo.

#### **3.1 As formas fundadas no diálogo**

Machado (2003) inclui nesse gênero os programas constituídos de debates, entrevistas, depoimentos e discursos do âncora ou apresentador. Para o autor se por um lado esse formato banaliza a televisão quando se voltam apenas para a consagração de seus próprios interlocutores, por outro lado, possibilita “[...] o ressurgimento na televisão de formas discursivas muito antigas e muito vitais, formas que estão na raiz mais profunda de nossa cultura [...]” (p.72).

Pensando o processo do diálogo na construção das sociedades pode-se observar que a cultura de dialogar e o uso da retórica que sempre foi essencial para a evolução do pensamento filosófico, antes feito em ágoras na Grécia Antiga precisam em tempos atuais de espaços mais abrangentes, e a televisão apresenta-se como esse espaço significativamente amplo. Ressaltando-se aqui que não se faz a comparação por igualdade de valores de conteúdo dos discursos feitos em outros espaços, sejam ágoras na antiguidade ou assembléias e senados na contemporaneidade com os diálogos feitos

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



na televisão, mas este veículo apresenta-se em tempos atuais como esse espaço do diálogo. Na atualidade até mesmo os espaços oficiais de discussão como as câmaras, senados e assembléias são transmitidos ao vivo para a televisão.

Para o autor, a televisão fundamenta-se essencialmente no discurso oral e que formas de produção de conteúdo para televisão fundadas no diálogo são resultados de imperativos técnicos e econômicos. Porém discorda-se desse posicionamento, pois se verifica que a grande presença desse gênero na televisão é uma questão de cultura de produção dos profissionais que constituem esse veículo e não somente imposições econômicas.

A presença de personagens reais da sociedade dialogando na televisão, como representantes dos segmentos sociais e poderes constitucionais é para a televisão um formato mais democrático e aberto de construir a informação, apesar de muitas vezes a forma e as escolhas dos personagens para esses diálogos não concretizem as reais representações.

O uso do diálogo entre apresentador de programas e os entrevistados e mesmo dos entrevistados entre si ou em alguns casos entre apresentador e telespectadores são bastante comuns na televisão piauiense, com grande frequência nos telejornais.

Machado (2003) afirma que as formas fundadas no diálogo assumem várias modalidades, entre elas, o debate, a entrevista, a mesa redonda e o monólogo. Este último “[...] pressupõe algum tipo de interlocução com um diretor oculto ou com o telespectador”. (p.72).

No Piauí essa modalidade do diálogo pode ser observada cotidianamente em programas policiais, que alguns autores classificam como gênero distinto, como os programas *Ronda*, *Bom Dia Meio Norte* e *Voz do Povo* (TV *Meio Norte*) e *Comando 10* e *Piauí Alerta* (TV *Antena 10*) e programas telejornalísticos como o *Jornal do Piauí* (TV *Cidade Verde*). Nestes exemplos o diálogo com o telespectador ultrapassa as barreiras do bom dia, boa tarde, boa noite ou até amanhã, a interação com o público é feita constantemente como forma de prender sua atenção, de fazê-lo parte do programa. Através desse diálogo e de uma linguagem coloquial e até vulgar, repleta de gírias, esses programas se apresentam como populares e se dizem atender as necessidades populares.

Além do diálogo com o público telespectador os apresentadores dos programas citados fazem ao vivo diálogos com os demais membros da equipe que constituem o

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



programa, não somente com o diretor, como aponta Machado (2003), mas com os câmeras, maquiadores e até com os proprietários da emissora.

As modalidades debate e entrevistas são também muito expressivas na televisão piauiense, em especial nos telejornais e programas de variedades, que assim como os programas policiais, são encaixados por muitos autores como outros gêneros televisivos. Os debates podem ser observados com frequência no *Jornal do Piauí* (TV *Cidade Verde*), quando pessoas de opiniões divergentes são levadas juntas ao estúdio para debaterem determinados temas sob o comando do interlocutor *Amadeu Campos*.

Este apresentador em questão pode ser classificado no que Machado (2003) chama de “*talking head*” (cabeça falante) “[...] que serve de suporte para a fala de algum protagonista [...]” (p.72). Neste exemplo em particular o interlocutor é na realidade o grande protagonista do diálogo.

A entrevista é a modalidade mais freqüente da televisão piauiense, citamos como exemplo os programas de variedades *Revista Meio Norte*, *Tem de Tudo* (TV *Meio Norte*), *Bom Demais* e *Programa Mariano* (TV *Antena 10*), o programa social *Inside TV* (TV *Meio Norte*), os telejornais *Notícias da Manhã*, *Jornal do Piauí* e *Jornal Cidade Verde* (TV *Cidade Verde*), *Jornal da Tarde* (TV *Meio Norte*) e todos os programas da TV *Clube: Bom Dia Piauí*, *Piauí TV 1º Edição*, *Piauí TV 2º Edição* e *Clube Comunidade*.

A marcante presença dessa modalidade de diálogo na televisão piauiense representa a consolidação de um modelo de telejornalismo, não sendo exclusividade local, mas reflete uma cultura profissional quanto à produção e construção de informações na televisão do Estado. Aponta-se aqui esta modalidade como formato mais democrático de apresentação de notícias, com a ressalva de que essa qualidade democrática depende dos critérios de escolha dos entrevistados que este trabalho não analisa.

A modalidade mesa redonda é verificada somente no programa *Superação* (TV *Meio Norte*), voltado para jovens o programa se propõe a debater, com número superior ou igual a três convidados mais o apresentador, questões de interesse desse público.

Tanto em mesas redondas como nas demais modalidades das formas fundadas no diálogo a qualidade das informações transmitidas ou mesmo o nível do entretenimento proporcionado ao telespectador depende em grande parte pela atuação

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



do interlocutor/apresentador e essencialmente dos demais convidados para o diálogo, independente da temática proposta. Além dessas premissas, Machado (2003) aponta outros elementos que contribuem para a eficácia do diálogo na televisão:

A grandeza dos resultados obtidos em todos esses programas deriva, naturalmente em primeiro lugar, das inteligências nele envolvidas, mas também de algumas soluções estruturais, que seria interessante comentar, já que estamos tratando aqui do diálogo como “gênero”. Antes de mais nada a eficácia do diálogo na televisão depende de uma autonomia real que se concede aos participantes. (p. 79).

Bourdieu (1997) não trabalha com gêneros televisivos, mas classifica os debates feitos na televisão em “debates verdadeiramente falsos” e “debates aparentemente verdadeiros” e com essas denominações faz uma severa crítica a estas formas de diálogo na televisão, apontando o fator tempo e as qualidades intelectuais do interlocutor, a exemplo se Machado (2003), como os critérios fundamentais para a qualidade desses programas. Aos apresentadores recaem as críticas mais negativas por parte de Bourdieu.

[...] Outra estratégia do apresentador: ele manipula a urgência; utiliza-se do tempo, da urgência, do relógio, para cortar a palavra, para interromper. E aí ele tem um outro recurso; como todos os apresentadores ele se faz o porta-voz do público [...]. Ele não dá a entender que é idiota, dá a entender que o espectador de base, que por definição é idiota, não compreenderá. E que ele faz o porta-voz dos ‘imbecis’ para interromper um discurso inteligente. (p.46).

### 3.2 O telejornal

O telejornal é o gênero mais produzido na televisão piauiense, é o formato de programa usado em todas as emissoras do Estado e reproduzem em geral os modelos praticados no restante do país, com algumas peculiaridades locais. A reprodução de um modelo nacional é mais evidente na emissora *Clube*, afiliada a *Rede Globo*, que segue um padrão de telejornalismo, tanto de formato, quanto de conteúdo, aplicado pela rede em todas as filiadas do país, inclusive nos títulos dos programas.

As demais emissoras, *Meio Norte*, *Cidade Verde* e *Antena 10*, dispõem de maior liberdade de formato para os seus telejornais incluindo o fator tempo e a participação da publicidade nos programas. Esta relação telejornal – comercial dá aos telejornais locais uma peculiaridade que não é observada nos jornais transmitidos em rede nacional, que é a anúncio constante de patrocinadores destes programas durante a veiculação do jornal e não somente nos intervalos comerciais, como ocorre nacionalmente, com exceção dos programas das emissoras afiliadas a *Rede Globo*.

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



Se por um lado nos telejornais da *TV Clube* não aparecem os inoportunos anúncios publicitários na fala dos âncoras, estes não dispõem de tempo maior para promoverem debates mais extensos nos seus telejornais ou mesmo a apresentações de reportagens com mais frequência, limitando-se diariamente a pequenas matérias.

O *Jornal do Piauí* da emissora afiliada ao *SBT* (*TV Cidade Verde*) é o mais visto na capital Teresina, mesmo sem recorrer a números de audiência precisos, verifica-se cotidianamente, a consolidação deste programa como o de maior repercussão na cidade. Assim como o *Jornal da Tarde* (*TV Meio Norte*) que se caracteriza pelo espaço de tempo que ocupa na grade de programação da emissora. Os programas citados são transmitidos ao vivo na mesma faixa de horários, variando entre meio-dia e 15:00 H fazendo com que este horário tenha reflexos sobre os acontecimentos políticos do Estado. O horário se firmou como preferencial pelas assessorias de comunicação dos governos municipal e estadual como o mais propício para realização de eventos destes governos, com o único propósito de se conseguir abertura da mídia televisiva, a mais influente no Estado.

Assim a política e o telejornalismo piauiense caminham juntos na construção da realidade local. Para Bourdieu (1997) “[...] o campo jornalístico produz e impõe uma visão inteiramente particular do campo político [...]” (p. 133).

Observa-se no Piauí essa “construção do campo político” pelos telejornais locais, não apenas no fato de ser essa a temática apresentada e discutida mais frequentemente na grande maioria dos telejornais, mas essa relação configura-se além, mais ainda no simulacro de realidades político-sociais e na super-representação de atores políticos em especial. Mais do que a relação política e jornalismo, a televisão piauiense legitima diariamente em seus telejornais a representação político-partidária e ainda o poder político constituído pelas personagens da esfera administrativa do Estado e municípios.

Dentro do gênero telejornal, Machado (2003) classifica estes programas em modelo centralizado e opinativo e modelo polifônico. O primeiro é quando “[...] o âncora tem poderes de decidir sobre as vozes que entram e saem, portanto de delegar vozes aos outros, se ele permanece a fonte principal de organização dos enunciados [...]” (p. 108). O modelo polifônico se caracteriza “[...] quando o apresentador aparece como uma voz que expressa a opinião mais esparsa ou mais difusa de um corpo de

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



redatores [...] o apresentador é mais exatamente um condutor, em geral impessoal [...]” (p.108).

No Piauí o modelo centralizado e opinativo é o mais usado, aparecendo na quase totalidade dos telejornais, o exemplo mais emblemático é o *Jornal do Piauí* (TV Cidade Verde), quando se tem na figura do apresentador grande centralidade e grande poder opinativo. Este modelo também é observado no *Notícias da Manhã*, o jornal matutino da mesma emissora, que apesar de menos opinativo, apresenta elementos centralizadores nos dois apresentadores (*Nadja Rodrigues* e *Elivaldo Barbosa*), que além de lerem as manchetes, apresentam-se também como comentaristas.

O modelo polifônico é característico do telejornalismo da *TV Clube*, todos os seus âncoras se detêm a lerem as notícias e em alguns momentos fazerem entrevistas, mas esgrimem-se de dar opiniões sobre os fatos.

O *Jornal da Tarde* da emissora *Meio Norte*, é segundo esta classificação de Machado (2003) um telejornal híbrido porque apresenta elementos dos dois modelos. A marcante atuação da apresentadora *Maia Veloso*, que faz constante uso da opinião pessoal, caracteriza um programa opinativo, mas não tão centralizado, pois recorre ao recurso de comentaristas no seu quadro. O programa possui comentaristas de política e literatura, os demais telejornais limitam-se aos comentários dos próprios apresentadores no que já foi referido aqui como a modalidade *monólogo* das formas baseadas no diálogo e em outros telejornais não existem comentários, como os jornais da emissora *TV Clube*.

Abrimos aspas aqui para o programa *Comando 10* da emissora *Antena 10*, que possui características especiais e circula em alguns gêneros televisivos, do telejornal a programa policial, apresentando-se de difícil classificação. Ressalta-se aqui que este programa recorre à figura do comentarista político no seu quadro.

Quanto à qualidade das opiniões apresentadas por estes telejornais, sejam eles centralizados ou polifônicos, necessitaria de uma análise mais minuciosa destes programas, assim não se questiona aqui a veracidade ou a imparcialidade destes discursos. Neste sentido considera-se aqui a abordagem de Machado (2003) sobre telejornal:

Num certo sentido, podemos dizer que o telejornal é uma colagem de depoimentos e fontes numa seqüência sintagmática, mas essa colagem jamais chega a constituir um discurso suficientemente unitário, lógico ou organizado a ponto de poder ser considerado “legível” como alguma coisa “verdadeira” ou “falsa”. (p. 110).

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



### 3.3 A transmissão ao vivo

Analisa-se aqui a transmissão ao vivo como um gênero televisivo, segundo a classificação de Machado (2003) já retratada anteriormente. Esse gênero poderia ser apresentado neste caso específico como um elemento ou modalidade do telejornalismo local, porém analisa-se esse formato em separado pelas suas peculiaridades e importância na construção de sentido para o telespectador. “Se a transmissão é simultânea ao evento, não há, a rigor, condições de um controle efetivo do que se transmite, nem da parte dos envolvidos nos conflitos, tampouco dos jornalistas ou da rede emissora que os cobre [...]”. (MACHADO, 2003, p. 129).

Essa transmissão ao vivo que é tão criticada por Bourdieu (1997) sobre sua urgência e impossibilidade de proporcionar uma reflexão crítica é defendida por Machado (2003), pois segundo o autor este tipo de transmissão quando feita de eventos políticos, sociais ou econômicos relevantes chegando ao mesmo tempo a toda uma nação, pode resultar em uma mobilização social e até uma ação conjunta da população, como exemplo se pode citar o processo de *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello em 1992.

No Piauí as transmissões ao vivo não atingem essa mobilização social apontada por Machado (2003), não por falta de influência dessas transmissões na sociedade, mas pela própria demanda de acontecimentos políticos polêmicos ou ainda pela questão técnica da abrangência dos canais locais de televisão, no caso do Piauí, as transmissões ao vivo mesmo quando realizadas não transformam o Estado em uma única aldeia, como conceitua Machado (2003) ao citar McLuren, pois nenhuma emissora abrange todos os municípios do Estado.

Podemos citar alguns exemplos da história recente da cobertura ao vivo na televisão piauiense, o principal deles a cassação do então governador do Estado, Francisco de Assis Moraes Santa, o Mão Santa em 2001, que recebeu atenção de todas as emissoras e que provocou uma considerável mobilização social. Um segundo exemplo de transmissão ao vivo de todas as emissoras de televisão durante a implantação do canteiro de obras de uma adutora de beneficiamento de água direto do local, na cidade de São Raimundo Nonato na Região Sul do Estado, no ano de 2005. Vale ressaltar que essa transmissão só foi possível com a colaboração técnica e financeira do próprio governo estadual.

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .



Cotidianamente as transmissões ao vivo se dão, em geral, nos telejornais transmitidos no horário de meio dia, e são geralmente transmissões de fatos políticos. Extraordinariamente a TV piauiense transmite ao vivo resultados de concursos importantes, como o vestibular da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e do Programa Seriado de Ingresso da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

As televisões piauienses têm muito que melhorar nas suas transmissões ao vivo, não tanto em qualidade, mas em quantidade das transmissões. Os jogos de futebol, por ser o esporte mais popular, e posteriormente outras modalidades esportivas é um dos eventos que merece por parte da televisão piauiense a atenção da transmissão ao vivo.

#### **4 Considerações Finais**

As entrevistas são as mais freqüentes formas baseadas no diálogo usadas na televisão piauiense; o telejornalismo local faz uma super-representação da esfera pública administrativa; os apresentadores e âncoras têm papel fundamental na condução dos discursos e enunciados dentro dos programas televisivos do Estado; os telejornais piauienses não são homogêneos, cada programa tem peculiaridades e elementos próprios quanto ao seu formato; encontra-se em expansão as formas baseadas no diálogo na televisão piauiense; as transmissões ao vivo na TV piauiense não atendem a demanda de acontecimentos socialmente relevantes.

#### **5 Referências bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. 143 p.

BUCCI, Eugênio. Por que falar de televisão? **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 12 – 38.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2003. 245 p.

\_\_\_\_\_. **A TV levada a sério**. Grandes cursos na TV Cultura, 2005. DVD.

1- Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

2- Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Telejornalismo pela UFPI. daianerufino@yahoo.com.br .